

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte O Liberal Class.: 11

Data 14/05/89 Pg.:

Poturudjara, a tribo esquecida no Curuná-Panema

Poturudjara: pode ser esse o nome da tribo contactada pela Funai no rio Curuná-Panema, ao norte do município de Óbidos, e cujos únicos contatos, até janeiro, eram com a missão de norte-americanos denominada New Tribes. Segundo o sertanista Sidney Possuelo, que esteve no local, por omissão da própria Fundação Nacional do Índio, a tribo tupi manteve-se em condições sofríveis sob a responsabilidade dos estrangeiros (cuja saída da área vai ser pedida por ele), que nem ao menos tiveram a preocupação de vacinar os índios. A palavra, que pode ser também o nome da tribo, é referência ao adorno cilíndrico usado no lábio inferior, por todos os membros da tribo, depois dos sete anos. (Página 16)

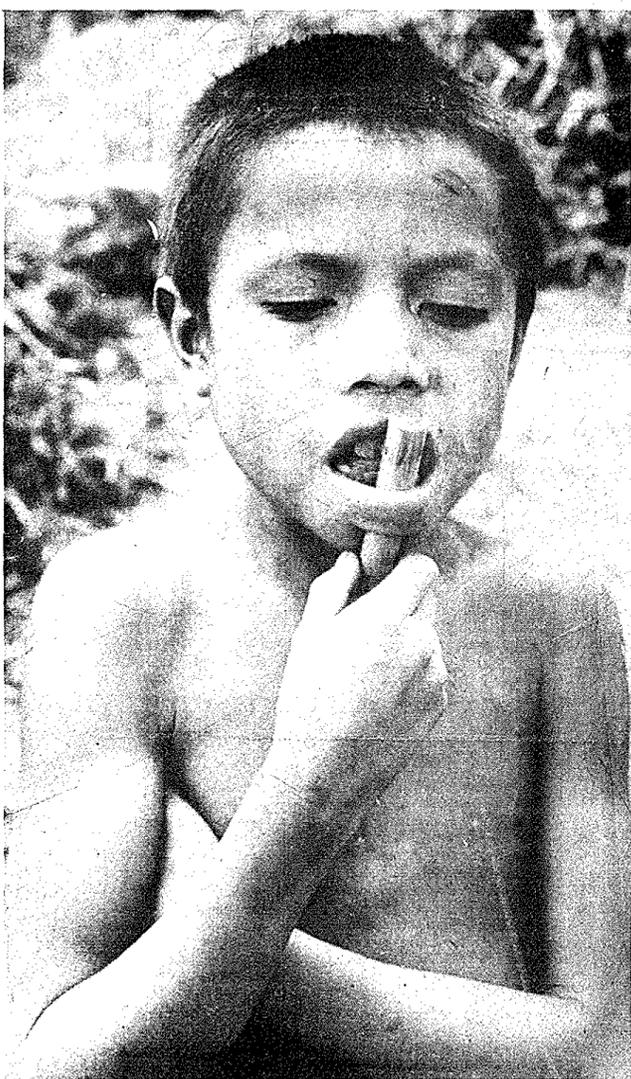
Kuarup vai ser exibido apesar das polêmicas

Apesar de toda polêmica em torno de seu lançamento, o filme 'Kuarup', de Ruy Guerra, entra em circuito nacional, no próximo dia 18. Com um custo de cinco milhões de dólares, 'Kuarup' terá a sua avant-première, em Belém, no dia 17, às 21h30, no Cinema 1, com o apoio da Fundação Romulo Maiorana. A renda será revertida para a Fundação Kuarup. Filmado no Parque Nacional do Xingu, o filme traz no elenco Taumaturgo Ferreira, Fernanda Torres e Cláudia Raia, entre outros. (Página 17)

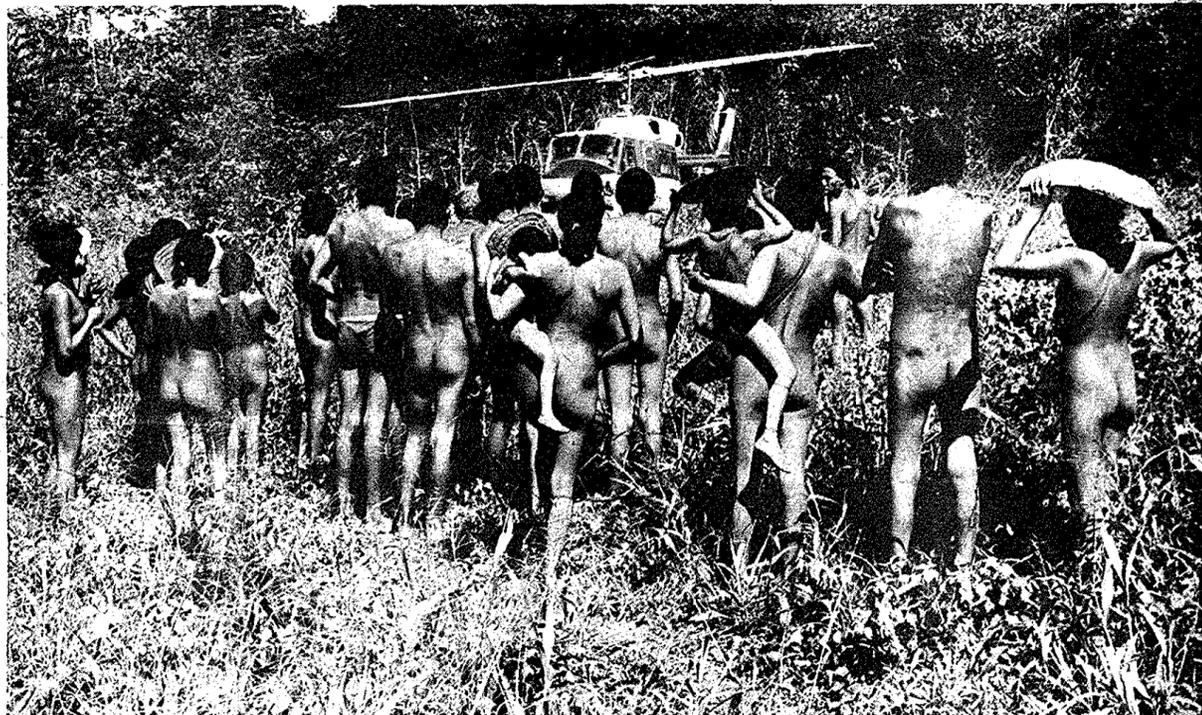


A mãe índia Poturudjara com o bebê à espera de melhores dias.

Pode se chamar Poturudjara a tribo contactada pela Funai ao norte de Óbidos, no rio Cuminá-Panema, segundo os sertanistas que foram até a região, nome que teria relação com o adorno cilíndrico usado por eles na boca. A missão norte-americana New Tribes, que por omissão da própria Funai mantinha contatos com eles, pode agora sair do local.



Não há crianças com menos de dois anos: isso preocupa a Funai



Sertanista quer americanos longe dos índios Tupi

Texto: Manuel Dutra
Fotos: Celivaldo Carneiro

O sertanista Sidney Possuelo disse, em Santarém, que vai sugerir à presidência da Fundação Nacional do Índio (Funai) o afastamento da missão norte-americana New Tribes da região do rio Cuminá-Panema, ao norte do município de Óbidos, área onde vivem cerca de 140 índios ainda em estado natural e dos quais se sabe apenas que pertencem ao ramo linguístico tupi. Os americanos estão naquela região desde 1982, sem autorização da Funai, embora a missão estrangeira tenha avisado, à época, que se fixaria junto aos índios.

O primeiro contato da Funai aconteceu em janeiro deste ano. Agora, com auxílio de um helicóptero da Petrobrás, uma equipe voltou à região para aplicar as primeiras doses de vacina contra as moléstias contagiosas dos brancos, providência que não havia sido tomada ainda pelos norte-americanos em quase sete anos, o que deixou surpresos os funcionários da Funai. Vários índios foram encontrados doentes e receberam algum tratamento, alguns deles sendo transportados para a sede da missão New Tribes para receber assistência médica. Dentro de dois meses uma equipe voltará para aplicar a segunda dose da vacina, como reforço. Perimetral

Sidney Possuelo explicou que a Funai sabe da existência desse grupo indígena há mais de dez anos e que projetava fazer os primeiros contatos em 1976, quando estava em andamento a construção da rodovia Perimetral Norte. Com a paralisação da estrada, o contato foi cancelado. "Só fazemos o contato em caso de real necessidade; é bom que o índio permaneça isolado, tanto melhor para ele", disse o sertanista. Ele frisou que nesses casos o importante, da parte da Funai, é fazer a vigilância periódica do território habitado pelos índios, estar atenta para que o meio ambiente seja preservado e "dar tempo aos índios para que se adaptem à sua condição".

Um fato que chamou a atenção da equipe visitante foi a quase ausência de crianças, o que será posteriormente estudado. A suposição é que os índios não estejam procriando ou que os recém-nascidos estejam morrendo em número acima da média, em decorrência do contato mal feito pela New Tribes, que não teve o cuidado elementar de vacinar os índios. Os referidos missionários, protestantes, moram em sete casas de alvenaria a 40 quilômetros da primeira das três aldeias que dizem visitar regularmente. Roçados

João Carvalho, sertanista da Funai, tentou por todos os modos comunicar-se com os índios, falando uma língua do mesmo grupo, mas não conseguiu avançar nos contatos, tantas eram as diferenças. Assim, pouco foi possível saber sobre a organização deles. O que se viu é que são de estatura mediana, até mais altos do que outras tribos conhecidas, especialmente os homens. Têm roçados de



Houve dificuldade para entender o que eles falam

"Tupá"
As redes de dormir são bem tecidas, mas a proximidade dos brancos não autorizados já lhes permite desfiarem as calças jeans para a retirada dos fios com que acondicionam as pontas afiadas das flechas. Tal como ainda fazem hoje comunidades isoladas de caboclos do Tapajós, os índios da região próxima ao Cuminá parecem ter uma organização em que recai sobre a mulher a tarefa de conseguir a subsistência da família. Elas carregam às costas os panacús e, junto com as crianças, sentam-se no esteio que comprime o tipiti para a extração do tucupi e secagem da mandioca. Ao homem parece caber a obrigação da caça, os trabalhos pesados e o manejo das armas.

Vários homens usam cabelo cortado em forma de cuia, mas há alguns que usam "rabo de cavalo". No linguajar, para surpresa de alguns visitantes, empregam palavras que se vjam nas cartilhas escolares, como Tupá, para designar Deus. É uma nova etnia, uma nova cultura que mostra, pela primeira vez, a sua cara. Infelizmente, quem primeiro aprendeu a comunicar-se com eles não foram os brasileiros, mas um grupo estrangeiro, e isso em grande parte por omissão da Funai, que sabia da presença da New Tribes e nada fez para impedir esse contato", afirmou Possuelo. Calha Norte

O coordenador do Departamento de Índios Isolados frisou que até agora o Projeto Calha Norte não repassou para a Funai qualquer recurso com vistas à preservação e proteção desses grupos, embora estejam dentro da área abrangida pelo Projeto. Ele lembrou o que afirmou recentemente o ministro Leonidas Pires Gonçalves, do Exército, segundo o qual "a cultura do índio não é respeitável". Sidney Possuelo vê a contradição do "Calha Norte", que afirma destinar-se, entre outros objetivos, à proteção dos índios contra a interferência estrangeira, fato inteiramente desmentido no caso dos índios da área do Cuminá-Panema

Por outro lado, ele frisou que as estórias de índios falando inglês em geral não procedem. O sertanista citou o caso dos Wai-Wai, nas margens do Nhamaundá, onde há relativo conhecimento da língua inglesa por causa dos contatos com os nativos da Guiana. "Lá há índios que falam até três línguas: a deles, o português e o inglês". Possuelo desaprova a presença da New Tribes, tanto por ser ilegal como por se tratar de "uma proposta de levar o desenvolvimento tal como o conhecemos a um grupo que ainda se encontra no Neolítico, e isso pode acabar com eles". Só na Amazônia Legal ainda há cerca de 80 grupos indígenas vivendo sem contato com o branco.

Funai intensificará ação no norte do Pará

Ao se aproximar no início deste ano de um grupo de índios Tupi que desde 1982 vem sendo assistido por uma missão religiosa, na região do rio Cuminá-Panema, a Superintendência Regional da Fundação Nacional do Índio deu o primeiro passo para intensificar suas ações na área situada ao norte da calha do rio Amazonas, no Estado do Pará. "Constatadamente, existem muitos grupos de índios isolados nesta região. E a Funai precisa se adiantar às frentes pioneiras a montar um esquema de atuação para garantir a sobrevivência desses índios, antes mesmo que excedentes populacionais se desloquem para aquela área como aconteceu no sul do Pará", justifica o assessor para índios isolados da Regional da Funai, sertanista Fiorello Parise.

Segundo ele, proposta concreta já foi enviada a Brasília pela Superintendência Regional da Funai — cuja área de abrangência inclui os Estados do Pará, Maranhão e Amapá, — para a implantação de um Sistema de Proteção ao Índio Isolado, que centrará suas ações na região norte do Estado do Pará e que deverá ter seu núcleo fixado em Santarém, município que dispõe de melhor infra-estrutura para abrigar uma base para dar apoio ao trabalho a ser desenvolvido pelos sertanistas da Funai.

Esse Sistema de Proteção, informa o assessor da Funai, incluirá a implantação de um posto indígena de contato, para dar assistência aos índios que habitam área interdita pela Funai na região do rio Cuminá-Panema, e que se estende pelos municípios de Óbidos e Oriximiná. Além disso, está sendo proposta a criação de uma equipe de localização móvel, cujo trabalho básico será situar grupos isolados que vivem no norte paraense.

"Historicamente, segundo os relatos de estudiosos, navegadores e exploradores que passaram pela região no início do século, havia uma enorme quantidade de índios também no norte do Estado do Pará. E ainda hoje nos

chegam de vez em quando, informações e indícios seguidos de que há vários grupos isolados perambulando naquela região", diz Fiorello. Em 1986, a Funai foi informada de que uma equipe de técnicos de uma empresa mineradora chamada Sesbla, que fazia pesquisas às proximidades do rio Urucuriana, retirou-se do local ao comprovar a presença de um grupo de índios isolados. Há informações de que várias tribos também ocupam regiões próximas aos rios Marapi e Cachorro.

Identificação difícil

No segundo contato que tiveram com os membros da tribo do Cuminá-Panema, os sertanistas da Fundação Nacional do Índio não conseguiram saber ainda qual é a exata denominação da tribo. "É difícil saber até mesmo por causa do tipo de Tupi que falam", esclarece Sidney Possuelo.

O sertanista João Evangelista de Carvalho, que participou das duas viagens ao Cuminá-Panema, tem um palpite: "Pelo que eu pude colher de informações obtidas informalmente, nas minhas conversas com os índios, essa tribo pode chamar-se Poturudjara". A origem de nome, segundo especula o sertanista da Funai, com base no que os próprios índios lhe disseram, provém de um adorno que todos os habitantes da tribo, a partir dos sete anos de idade, usam na boca.

Esse adorno, de forma cilíndrica, mede aproximadamente 15 cm de comprimento e é denominado de "robemor". A madeira que é utilizada para fazer o adorno eles chamam de "poturu", que os bancos conhecem por najarana. "Alguns índios me disseram que se chamam poturudjara porque são os únicos a utilizar o rebemor feito do poturu, que é um adorno que os diferenciava de qualquer outra tribo", relata João Carvalho, ressaltando que só um rigoroso levantamento antropológico será capaz de revelar o verdadeiro nome desse grupo de Tupis.



Sem vacinação muitos deles achavam-se doentes, segundo Possuelo, que pretende pedir a retirada da missão

